

(In)visibilidade de necessidades percebidas pelos estudantes PALOP **(In)visibility of PALOP students' perceived needs**

Rosa Maria Ramos Novo

Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Educação
rnovo@ipb.pt

Ana Raquel Russo Prada

Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Educação
raquelprada@ipb.pt

Lara Simone Sousa Lopes

Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Educação
lara.ss.lopes@alunos.ipb.pt

Luísa Ferreira Cuna Moreno

Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Educação
luisa.fc.moreno@alunos.ipb.pt

Resumo

Partindo do modelo bioecológico de Bronfeenbrenner e Morris (2006), com este estudo exploratório e quantitativo, pretende-se conhecer o perfil social dos estudantes oriundos dos PALOP e identificar as suas necessidades, mediante um inquérito por questionário. Colaboraram 112 estudantes, de ambos os sexos, sendo a média etária de 22,52 anos. Os resultados indicam que, mais de metade dos inquiridos, auferem um rendimento mensal baixo, assinalado, maioritariamente, como insuficiente. Destacam-se várias dificuldades financeiras com implicações na satisfação de necessidades básicas e nos processos de aprendizagem. É igualmente necessário investir no acesso à informação sobre os serviços disponíveis na instituição do ensino superior (IEs) e na comunidade local. Os principais resultados apontam para a premência de um cuidado acrescido face aos estudantes que frequentam o ensino superior pela primeira vez e para uma reflexão atenta e permanente das IEs, no sentido de proporcionar respostas mais sustentáveis para atenuar as necessidades destes estudantes.

Palavras-chave: *Estudantes PALOP; Ensino Superior; Dificuldades.*

Abstract

Based on the bioecological model of Bronfeenbrenner and Morris (2006), this exploratory quantitative study, aims to know PALOP students' social profile of and to identify their needs, through a questionnaire survey. Our study recruited 112 students, both sexes included, with the mean age of 22,52 years. Data support that, more than half of the respondents, earn a low monthly income, marked, mostly, as insufficient. There are several financial difficulties with implications for meeting the basic needs and for learning processes. It is also necessary to improve access to information services that are available at the higher education institution (HEI) and in the local community. The main results highlight the need of a better support for students attending higher education for the first time and of a careful and permanent reflection of the HEI, in order to provide a more sustainable response to mitigate the needs of these students.

Keywords: *PALOP students; Higher education; Difficulties.*

Introdução

Em Portugal, nas Instituições de Ensino Superior (IEs) assiste-se, cada vez mais, a uma expansão dos estudantes provenientes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Esta denominação PALOP abrange um grupo de cinco países africanos (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe), onde o português é a língua oficial.

De ressaltar que Portugal e os PALOP sempre mantiveram uma relação próxima, tendo-se estreitado as relações entre os países na década de 70. Facilitado pela existência de protocolos de cooperação, desde há décadas, que é incentivada a vinda dos estudantes oriundos destes países (Pires, 2000), para quem esta transição é entendida como “a concretização de um projeto” (Doutor, Marques & Ambrósio, 2018, p. 167).

A existência de um acesso facilitado a esta população nas instituições de ensino (pelas vagas e protocolos disponíveis), bem como a concessão de bolsas, o conhecimento da língua portuguesa e/ou a presença de familiares são fatores apontados na literatura como de incentivo à prossecução dos estudos em Portugal (Couto, 2009; Jardim, 2013). Não obstante, nem sempre são devidamente consagradas as dificuldades e os desafios adicionais com os quais estes estudantes se deparam, comparativamente com os estudantes nacionais (Pires, 2000).

Neste contexto, este estudo empírico, exploratório e quantitativo tem como objetivos: (i) conhecer o perfil social dos estudantes oriundos dos PALOP; e (ii) identificar as necessidades sentidas pelos estudantes.

Em termos de estrutura, o texto é constituído por quatro partes. A primeira é dedicada à fundamentação teórica como fonte reflexiva da transição ecológica dos estudantes e à revisão das investigações nacionais realizadas sobre os estudantes que frequentam o ensino superior em Portugal. Na segunda parte, apresenta-se o método adotado, com referência à amostra do estudo, aos procedimentos de recolha e análise de dados e uma clarificação do instrumento de recolha de dados. Na terceira parte apresentam-se os resultados obtidos e a sua discussão. Por último, são tecidas considerações finais, onde se inclui uma referência às limitações do estudo e são apontadas propostas para investigações futuras.

A(s) realidade(s) dos estudantes dos PALOP em Portugal

Estudar noutra país constitui um momento de transição ecológica (Bronfenbrenner & Morris, 2006), de uma enorme extensão e significado. A transição ecológica, quando mediada pela figura de um mentor, tem sido apontada como facilitadora da integração dos estudantes recém-chegados a este nível de ensino (Wallace & Gravells, 2007), podendo favorecer não só a interação social, como também fomentar mais e melhores aprendizagens (Tomás-Miguel, Expósito-Langa & Nicoláu-Juli, 2016). De facto, os estudantes dos PALOP vêem-se confrontados com novos espaços de identificação, com inúmeras exigências de adaptação a uma nova cultura e a novas organizações sociais e educacionais que podem condicionar ou impulsionar os seus estudos. Também no microsistema da instituição escolar encontram jovens e adultos desconhecidos, com quem têm de se relacionar de perto e diariamente; assim como

no espaço do bairro onde passam a viver e ainda nas zonas recreativas, desportivas ou culturais que talvez nunca tenham utilizado e que passam a fazer parte das suas geografias quotidianas e, em consequência, formando novos mesossistemas. Porém, esses contextos imediatos incorporam ainda o exossistema, isto é, um ou mais contextos que não implicam a participação ativa do estudante, mas que vão influenciar as experiências que ocorrem no contexto imediato em que se movimenta. Alguns exemplos de influências exossistémicas são os serviços de ação social das IEs, os centros de saúde, o serviço de estrangeiros e fronteiras (SEF), a rede de transportes públicos da região, entre outros, e que afetam a sua integração. Igualmente o macrosistema integra os sistemas anteriores, sendo constituído pelas crenças, valores e ideologias de uma dada sociedade e de uma determinada época. Pode então dizer-se que o modelo bioecológico é um modelo que presta especial atenção quer aos contextos mais próximos, quer aos contextos mais vastos (Bronfenbrenner & Morris, 2006), que influenciam direta ou indiretamente a vida dos estudantes.

Na verdade, a transição bioecológica pode revelar-se como uma experiência enriquecedora e facilitadora do desenvolvimento pessoal e social dos estudantes (p.e., Novo, Prada & Bergano, 2018, 2019). Porém, importa sublinhar que essa transição nem sempre é percebida de um modo positivo e favorável pelos estudantes dos PALOP. Tal como refere Pires (2000) “poderá ser uma experiência negativa quando marcada por dificuldades de ordem social, económica e afectiva” (p.149).

No que diz respeito às dificuldades vivenciadas pelos estudantes dos PALOP, destacam-se as de índole financeira, que comprometem o custear das despesas correntes e de alojamento (Costa, 2009; Doutor, Marques & Ambrósio, 2016; Figueiredo, 2005; Bergano, Novo & Prada, *no prelo*). Na literatura são ainda referenciadas a insuficiência dos valores das bolsas atribuídas e/ou os atrasos sistemáticos do pagamento das mesmas (Costa, 2009; Doutor *et al.*, 2016; Duque, 2012; Pacheco, 1996). Também se aponta como obstáculos o domínio da variante europeia da língua portuguesa (Bergano *et al.*, *no prelo*; Pacheco, 1996), as diferenças de cultura, valores e costumes no país de acolhimento, comparativamente com os países de origem (Bergano *et al.*, *no prelo*; Duque, 2012; Ferro, 2010; Figueiredo, 2005; Pacheco, 1996) e a vivência de situações de preconceito e discriminação (Bergano *et al.*, *no prelo*; Faria, 2011; Figueiredo, 2005; Novo & Prada, 2019). São ainda mencionados contratempos derivados dos procedimentos burocráticos no processo de legalização no SEF (Figueiredo, 2005; Rocha, 2012; Vinagre, 2017) e no acesso aos serviços sociais e de saúde (Bergano *et al.*, *no prelo*). Destacam-se igualmente entraves na adaptação ao clima e à alimentação, bem como na distância do país e/ou

da família e amigos (Bergano *et al.*, *no prelo*; Costa, 2009; Duque, 2012; Ferro, 2010; Figueiredo, 2005; Pacheco, 1996; Rocha, 2012).

Outras adversidades comumente reportadas são a falta de preparação académica anterior, as dificuldades na aprendizagem dos conteúdos das unidades curriculares e a integração no contexto escolar (Bergano *et al.*, *no prelo*; Figueiredo, 2005). A investigação realizada por Samutetela (1996) aporta evidências de diferenças significativas no rendimento académico dos estudantes dos PALOP, os quais apresentam taxas de reprovação superiores às dos estudantes portugueses. Do estudo desenvolvido por Costa (2009) constata-se ainda que os principais motivos de insucesso, apontados pelos próprios estudantes, são a falta de recursos económicos (52%), o mal-estar devido à distância do país de origem/ da família (10%), a escassez de tempo para o estudo (6%), resultante do facto de grande parte dos inquiridos estarem empregados e a discriminação por xenofobia (4%).

Em suma, a investigação confirma que estes estudantes vivenciam, não só dificuldades de adaptação à sociedade portuguesa, mas também de integração ao meio académico. Estas dificuldades podem contribuir para o “fraco aproveitamento” académico dos estudantes dos PALOP (Pires, 2000, p. 153).

Método

Amostra

Com base nas considerações anteriores, este estudo empírico e exploratório, de abordagem quantitativa, foi realizado com uma amostra de conveniência dos estudantes provenientes dos PALOP, numa das escolas de uma IES pública, do Norte e interior de Portugal. Os critérios de inclusão utilizados neste estudo para selecionar os participantes consistiram em: (i) ser proveniente dos PALOP; (ii) estar inscrito e a frequentar o ensino superior no ano letivo de 2019-2020 e, (iii) aceitar colaborar de forma voluntária na investigação.

A amostra de conveniência foi constituída por 112 participantes e representa 34,89% do número total de estudantes dos PALOP matriculados, no ano letivo de 2019-2020 numa das unidades orgânicas da IEs. A Tabela 1 mostra que 77 participantes (68,80%) são do sexo feminino e apenas 35 (31,30%) do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 18 anos e 43 anos, com uma média de idades de 22,53 anos e um desvio padrão de 3,48. À exceção de um participante em união de facto, os restantes 111 (99,10%) são solteiros. Estes dados evidenciam claramente a emancipação da mulher no acesso à educação e ao ensino superior.

Quanto à nacionalidade 67 (59,80%) são cabo-verdianos, 22 (19,60%) guineenses, 18 (16,10%), 4 (3,60%) angolanos e 1 (0,9%) moçambicano. Destes estudantes, 7(6,3%) apresentam dupla nacionalidade.

	Amostra Global (n=112)			
	n (%)	M (DP)	Min.	Máx.
Sexo				
	Masculino	35 (31,20%)		
	Feminino	77 (68,80%)		
Idade (anos)		22,53 (3,48)	18	43
Estado Civil				
	Solteiro(a)	111 (99,10%)		
	Casado(a)/União de facto	1 (0,90%)		
Nacionalidade				
	Angolana	4 (3,60%)		
	Cabo-verdiana	67 (59,80%)		
	Guineense	22 (19,60%)		
	Moçambicana	1 (0,90%)		
	Santomense	18 (16,10%)		
Dupla nacionalidade (Portuguesa e outra)				
	Sim	7 (6,30%)		
	Não	105 (93,80%)		

Tabela 1 - Caracterização sociodemográfica dos participantes (n= 112).

Procedimentos

No presente estudo, a obtenção do acesso foi um processo faseado. O primeiro passo foi contactar pessoalmente a direção da IES, explicando o tipo de colaboração pretendida e, à *posteriori* solicitada, por escrito, a autorização para realização da pesquisa, a qual foi concedida. Depois, após o consentimento informado, o inquérito por questionário foi testado junto a doze estudantes de outras escolas da mesma instituição, tendo-se posteriormente reformulado três questões devido à incompreensão das mesmas. Por último, procedeu-se à recolha de dados, solicitando, em diversas salas de aula, aos potenciais respondentes a respetiva colaboração. Nestes contactos, desenvolvidos no início do segundo semestre do ano letivo de 2019-2020, assumiu particular relevância o consentimento informado, bem como a esclarecimento da natureza do estudo e respetivo objetivo. O seu preenchimento *online*, através do *Google forms*, num único momento de avaliação, oscilou entre 12 a 15 minutos.

A análise dos resultados foi efetuada através do *IBM SPSS Statistics*, versão 26, e com recurso à estatística descritiva, realizando-se o cálculo da média, do desvio padrão e dos valores máximos e mínimos, ou de frequências e percentagens, de acordo com o tipo de dados (variáveis contínuas ou dicotómicas/categoriais). Em termos de análise inferencial, perante a ausência de

uma distribuição normal e da homogeneidade da variância, optou-se por testes não paramétricos, nomeadamente, o teste de *Mann-Whitney* (dois grupos independentes), considerando-se o nível de significância de 5%.

Instrumento de recolha de dados

O inquérito por questionário construído para este estudo, com base em revisão da literatura, é composto por cinco grupos compostos por questões fechadas e/ou por um conjunto de itens avaliado numa escala de cinco pontos, oscilando de discordo totalmente a concordo totalmente.

Concretamente, o grupo I, constituído por oito questões, permite fazer a caracterização sociodemográfica (sexo, idade, estado civil e nacionalidade) e académica dos participantes (nível de ensino frequentado, frequência no ensino superior pela primeira vez, participação em atividades extracurriculares e motivos subjacente à escolha da instituição para a prossecução dos estudos).

O grupo II inclui cinco questões a fim de averiguar as fontes de financiamento, o rendimento mensal auferido e a adequabilidade do mesmo, bem como os apoios recebidos e os que gostariam de receber, através da IEs e de instituições inseridas na comunidade local.

O grupo III engloba questões sobre com quem veio para a cidade, se lá conhecia alguém e sobre a nacionalidade da(s) pessoa(s) com que coabita. Este grupo engloba também uma parte formada por cinco itens referentes à adaptação geral à cidade de acolhimento.

O grupo IV expõe uma questão que integra catorze itens referentes às dificuldades percebidas, agrupados em quatro categorias (vertente académica; despesas quotidianas; acesso aos recursos sociais/de saúde e saudades de casa); e uma última questão reservada à indicação da necessidade percebida pelos estudantes face à divulgação clara dos serviços disponíveis na instituição e na comunidade.

Análise e discussão dos resultados

Relativamente ao grau de ensino académico, 77 dos participantes (68,80%) frequentam uma licenciatura, 25 (22,30%) um curso técnico superior profissional e 10 (8,90%) o mestrado. Destes estudantes, 69 (61,60%) encontram-se a frequentar o ensino superior pela primeira vez. No que concerne à participação dos estudantes em atividades extracurriculares, apenas 25% (n=28) participam em atividades extracurriculares como o desporto, música, grupos de teatro, entre outros.

Quando analisados os motivos que contribuíram para a decisão de estudarem noutro país 43,75% dos estudantes (n=49) destacam o facto de tal lhes proporcionar a oportunidade para

vivenciar novas experiências no exterior do seu país de origem, 31,25% (n=35) assinalam a qualidade do ensino em Portugal, 30,36% (n=34) referem a qualidade da instituição de ensino, 25,89% (n=29) indicam o ter amigos/familiares a residir na cidade, em Portugal ou noutro país da União Europeia e 15,18% (n=17) apontam a facilidade da língua. Foram ainda sinalizados outros motivos (4,46%; n=5), a saber: a existência de vagas disponíveis apenas para os estudantes provenientes dos PALOP, o baixo custo de vida (2,68%; (n=3), o poder frequentar o curso pretendido (0,89%; n=1) e o não terem outras opções (0,89%; n=1) (Figura 1).

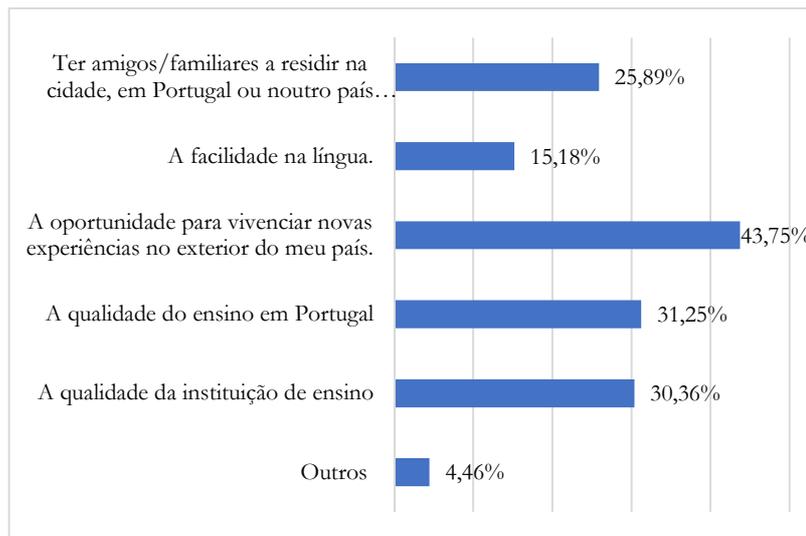


Figura 1 – Motivos apontados para a prossecução dos estudos.

A Figura 2 mostra a principal fonte de financiamento dos estudantes dos PALOP. O conjunto dos dados indica que para 88 participantes (78,4%) é a família. É também de se registar que 15 estudantes (13,4%) trabalham em *part-time* que lhe permite ter um rendimento próprio, sendo as principais áreas de empregabilidade a restauração/cafetaria, os serviços de limpeza e as unidades fabris.

É ainda de assinalar, apesar da menor expressividade, outras fontes de rendimento, a saber: 8 (7,10%) estudantes beneficiam da Segurança Social, 7 (6,30%) da bolsa de estudo, 5 (4,50%) do apoio dos amigos e 1 (0,90%) do empréstimo bancário. A partir destes dados, e contrariamente ao estudo de Costa (2009), verifica-se que a principal fonte de rendimento é o apoio económico providenciado pelos familiares e não o trabalho.

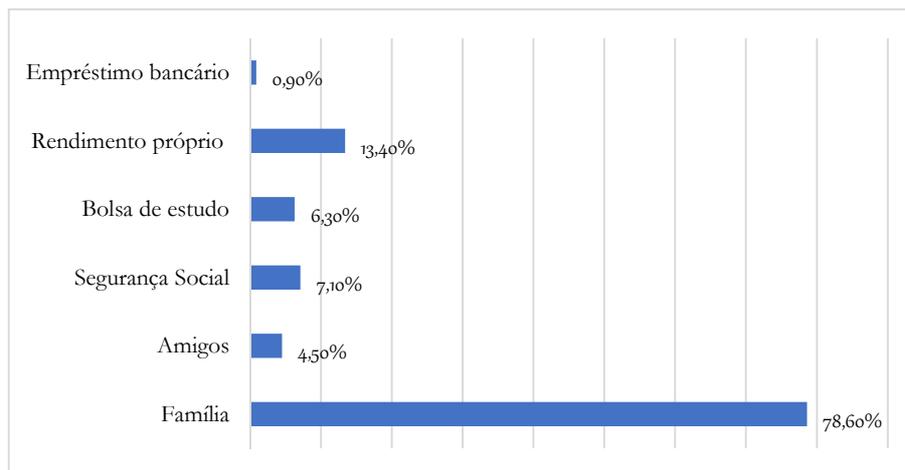


Figura 2 - Fonte de financiamento dos estudantes.

Em termos de rendimento mensal dos estudantes (Figura 3) regista-se uma grande dispersão. De ressaltar que 19 (17%) estudantes referem um rendimento mensal até 100 euros, 31 (28,60%) entre 101 e 200 euros, 32 (27,60%) entre 201 e 300 euros, 24 (21,40%) entre 301 e 400 euros, 3 (2,70%) entre 401 e 500 euros; 2 (1,80%) entre 501 e 600 euros, e 1 (0,90%) entre 601 e 700 euros.

Acresce referir que, quando inquiridos, se o rendimento mensal é suficiente para satisfazer as suas necessidades básicas, 78 (69,60%) respondem que “não” e 34 (30,40%) respondem “sim”. Saliente-se que, ao contrário de outros estudos (p.e., Costa, 2009), no presente estudo o estar empregado não é uma realidade frequente, apesar da maioria dos estudantes referir ser insuficiente o rendimento auferido. As dificuldades financeiras evidentes neste estudo estão em consonância com os resultados de outras investigações (Bergano *et al.*, no prelo; Costa, 2009; Doutor *et al.*, 2016; Figueiredo, 2005).

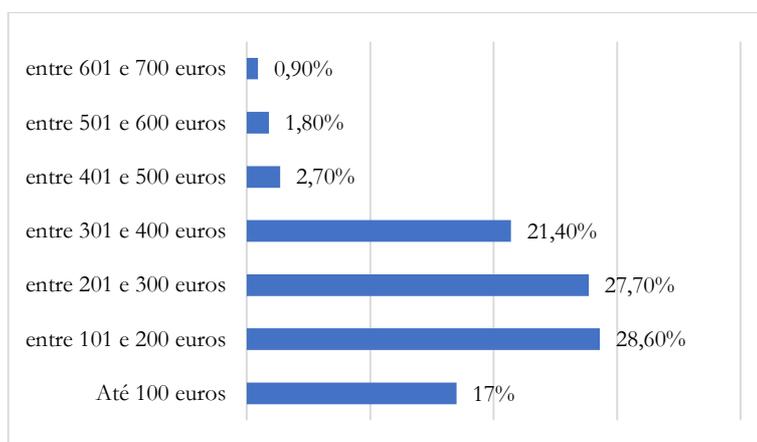


Figura 3 - Rendimento mensal dos estudantes.

Relativamente ao apoio recebido por parte da comunidade local evidencia-se que 37 (33%) estudantes destacam a Segurança Social e 4 (3,57%) indicam a Câmara Municipal. De salientar que, neste estudo, apenas 10 (8,90%) estudantes mencionam ter tido apoio da IEs no assegurar da alimentação e em situações pontuais em outras despesas.

Não obstante, quando inquiridos sobre o tipo de apoio que gostariam de receber, apenas 26 estudantes o particularizaram ora genericamente, face à necessidade de apoio social (30,76%; n=8), psicológico (11,53%; n=3) e financeiro para pagamento de despesas referentes às propinas e ao alojamento (34,61%; n=9) por parte da IEs, ora invocando estruturas de apoio locais como a Segurança Social (23,07%; n=6). Neste âmbito, tal como apontado por Pacheco (1996), destaca-se o papel do suporte social como um dos fatores que parece assumir uma maior relevância na acomodação dos estudantes.

Quanto à adaptação à cidade de acolhimento, dos dados ressalta que 92 estudantes (82,14%) antes da deslocação do seu país já conheciam alguém na cidade de acolhimento, sendo as formas de relacionamento mais comuns as de amizade (81,52%; n=75), seguida das relações familiares (18,48%; n=17). Porém, 71 dos estudantes (63,39%) vieram sozinhos, 31 (27,68%) com amigos e 10 com familiares (8,93%). Todos coabitam em regime de alojamento partilhado, sendo que 97 dos estudantes (86,60%) residem com outras pessoas da mesma nacionalidade. Esta “guetização” serve duas funções opostas: por um lado aponta para um recurso integrador e protetor na medida em que intensifica a afinidade e o intercâmbio social e cultural dos mesmos e, por outro pode “reforçar” formas discriminatórias e pouco subtis da população que a circunda (Novo & Prada, 2019), e dificultar as relações interculturais.

A Tabela 2 assinala as respostas obtidas nos cinco itens relativos a aspetos mais específicos da adaptação à cidade de acolhimento. Os dados mostram que para 42 estudantes (37,50%) o apoio e acolhimento são adequados, considerando 63 (56,50%) a cidade segura e 48 (42,80%) revelam ter sido simples a acomodação aos hábitos e costumes da população. No entanto, 87 estudantes (77,70%) referem que o ajuste ao clima não é um processo fácil, aspeto igualmente evidenciado por outros estudos (Bergano *et al.*, *no prelo*; Ferro, 2010; Figueiredo, 2005; Pacheco, 1996). Também 83 estudantes (74,10%) destacam não ser fácil a obtenção de alojamento na cidade de acolhimento, dado em consonância com o estudo desenvolvido por Novo e Prada (2019).

Afirmção	Respostas		
	Concordância	Neutras	Discordância
	n (%)	n (%)	n (%)
O apoio e acolhimento aos estudantes dos PALOP é adequado.	42 (37,50%)	28 (25%)	42 (37,60%)
A cidade onde estudo é segura.	63 (56,30%)	28 (25%)	21 (18,70%)
A adaptação aos hábitos/costumes da população é simples.	48 (42,80%)	44 (39,30%)	20 (17,90%)
A adaptação ao clima é fácil.	7 (6,30%)	18 (16,10%)	87 (77,70%)
Encontrar/obter alojamento na cidade onde estudo é simples.	11 (9,80%)	18 (16,10%)	83 (74,10%)

Tabela 2 – Adaptação geral à cidade de acolhimento.

De referir igualmente que da análise dos itens, através do Teste de *Mann-Whitney*, em função de estudantes a frequentar o ensino superior pela primeira vez, apenas se verificam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos consagrados face ao item referente à perceção da cidade como segura ($U=1091,00$, $p= 0,016$). São os estudantes a frequentar o ensino superior pela primeira vez quem consideram que a cidade é mais segura ($M= 3,74$; $DP = 1,00$), comparativamente com os que não o frequentam pela primeira vez ($M= 3,26$; $DP = 1,16$).

A Tabela 3 mostra os 15 itens referentes às dificuldades percebidas, desenvolvidas em quatro categorias.

Relativamente às questões académicas, 33 estudantes (29,50%) assinalam sentirem-se desmotivados para a prossecução dos estudos, e 41 (36,60%) na obtenção de informação sobre os serviços disponíveis na instituição frequentada. À semelhança de outros trabalhos desenvolvidos (p.e, Costa, 2009), 67 estudantes (59,80%) referem entraves no pagamento das propinas.

Quanto às despesas quotidianas, 61 estudantes (54,40%) destacam obstáculos no pagamento da renda, 56 (50%) no assegurar das despesas referentes à água, luz e/ou ao gás, 45 (40,20%) no âmbito da alimentação, 56 (50%) na aquisição de vestuário e 49 (43,80%) na gestão financeira. Estes impedimentos que comprometem a satisfação das necessidades básicas vão ao encontro dos resultados apontados por outros estudos (Bergano *et al.*, no prelo; Costa, 2009; Doutor *et al.*, 2016; Figueiredo, 2005). Oliveira (2013) alerta ainda que as dificuldades sentidas podem ser não só consequentes das reais dificuldades financeiras dos estudantes, mas também de uma “má gestão pessoal” dos rendimentos auferidos.

No que diz respeito ao acesso aos recursos sociais e de saúde, 35 estudantes (31,30%) mencionam contratempos no preenchimento de impressos *online* referentes ao SEF, e 30 (31,30%) na compreensão das questões legais, indo ao encontro a outros estudos (Figueiredo, 2005; Rocha, 2012; Vinagre, 2017). De referir ainda que 30 estudantes (29,50%) assinalam

dificuldades no acesso aos cuidados primários de saúde e 25 (22,40%) na compreensão das informações dos serviços de saúde, dados igualmente apontados noutros estudos (Bergano *et al.*, no prelo). Também 34 estudantes (30,40%) referem entraves no acesso aos serviços sociais, indo igualmente ao encontro de outros estudos (Rocha, 2012; Vinagre, 2017).

Por último, 76 participantes (67,90%) destacam ser difícil lidar com as saudades do país e/ou familiares. Este sentimento de nostalgia, presente em estudantes de ambos os sexos, é um fator apontado noutros estudos (Bergano *et al.*, no prelo; Costa, 2009; Duque, 2012; Pacheco, 1996; Rocha, 2012). Este dado não pode ser descurado já que, para além de constituir uma fonte considerável de stress, pode ter um impacto negativo não só na saúde mental, mas também na realização académica destes estudantes (Pires, 2000).

Categoria	Afirmção	Respostas		
		Concordância	Neutras	Discordância
		n (%)	n (%)	n (%)
Questões académicas	Sinto-me desmotivado(a) para prosseguir os estudos.	33 (29,50%)	22 (19,60%)	57 (50,90%)
	Sinto dificuldade financeira para pagar as propinas.	67 (59,80%)	19 (17%)	26 (23,20%)
	Sinto dificuldade em obter informação sobre organismos/ serviços existentes e disponíveis para os(as) estudantes na instituição de ensino superior.	41 (36,60%)	48 (42,90%)	23 (20,50%)
Despesas quotidianas	Sinto dificuldade em pagar a renda.	61 (54,40%)	20 (17,90%)	31 (27,60%)
	Sinto dificuldade no pagamento das despesas (água, luz e/ou gás).	56 (50%)	20 (17,90%)	36 (32,20%)
	Sinto dificuldade em pagar a minha alimentação.	45 (40,20%)	20 (17,90%)	47 (41,90%)
	Sinto dificuldade em comprar roupa quando necessito.	56 (50%)	27 (24,10%)	29 (25,90%)
	Sinto dificuldade na gestão do meu rendimento mensal.	49 (43,80%)	32 (28,60%)	31 (27,70%)
Acesso aos recursos sociais e de saúde	Sinto dificuldade na compreensão das informações prestadas pelos serviços sociais.	34 (30,40%)	46 (41,10%)	32 (28,60%)
	Sinto dificuldade no preenchimento de impressos online solicitados pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF).	35 (31,30%)	39 (34,80%)	38 (33,90%)
	Sinto dificuldade nas questões legais junto do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF).	30 (26,80%)	40 (35,70%)	42 (37,50%)
	Sinto dificuldade no acesso aos cuidados de saúde primários nos centros de saúde.	33 (29,50%)	44 (39,30%)	35 (31,20%)
	Sinto dificuldade na compreensão das informações prestadas nos serviços de saúde.	25 (22,40%)	46 (41,10%)	41 (36,60%)
Saudades de casa	Sinto dificuldade em lidar com as saudades do meu país e/ou familiares.	76 (67,90%)	21 (18,80%)	15 (13,40%)

Tabela 3 - Percentagem de respostas concordantes, neutras e em discordância face às afirmações referentes às dificuldades percebidas pelos participantes.

A Tabela 4 indica as diferenças estatisticamente significativas entre os grupos consagrados. Os estudantes que frequentam o ensino superior pela primeira vez, comparativamente com os que não o estão a frequentar, apresentam maiores dificuldades no pagamento da renda ($U=1107,50$, $p=0,020$), das despesas (água, luz /ou gás) ($U=1033,00$, $p=0,006$), da alimentação ($U=1137,500$, $p=0,034$), da roupa ($U=1131,50$, $p=0,030$) e na gestão do rendimento mensal, ($U=1099,50$, $p=0,018$), bem como no lidar com o processo de legalização no SEF ($U=1095,00$, $p=0,016$). Face aos demais itens não existiram diferenças estatisticamente significativas nas dificuldades percebidas.

Categoria	Itens	Frequência do Ensino Superior pela primeira vez		vp
		Não (n=43)	Sim (n=69)	
		M (DP)	M (DP)	
Despesas quotidianas	Sinto dificuldade em pagar a renda.	3,02 (1,49)	3,64 (1,50)	0,020
	Sinto dificuldade no pagamento das despesas (água, luz e/ou gás).	2,84 (1,38)	3,58 (1,44)	0,006
	Sinto dificuldade em pagar a minha alimentação.	2,67 (1,38)	3,28 (1,51)	0,034
	Sinto dificuldade em comprar roupa quando necessito.	3,09 (1,32)	3,65 (1,33)	0,030
	Sinto dificuldade na gestão do meu rendimento mensal.	2,44 (1,30)	3,52 (1,39)	0,018
Acesso aos recursos sociais e de saúde	Sinto dificuldade nas questões legais junto do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF).	2,81 (1,28)	3,09 (1,22)	0,016

Tabela 4 - Comparação dos valores médios de nos itens compõem as categorias alusivas às dificuldades percebidas, atendendo ao grupo de pertença dos participantes (a frequentar ou não o ensino superior pela primeira vez).

Apesar de constar do questionário a opção “outras”, apenas foram assinaladas as seguintes áreas: divulgação de informação sobre os serviços de saúde disponíveis na cidade (55,35%; $n=62$), divulgação de informação sobre a instituição de ensino e os organismos/serviços existentes (54,46%; $n=61$) e divulgação sobre as etapas no processo de legalização no país (47,32%; $n=53$), como consta da Figura 3.

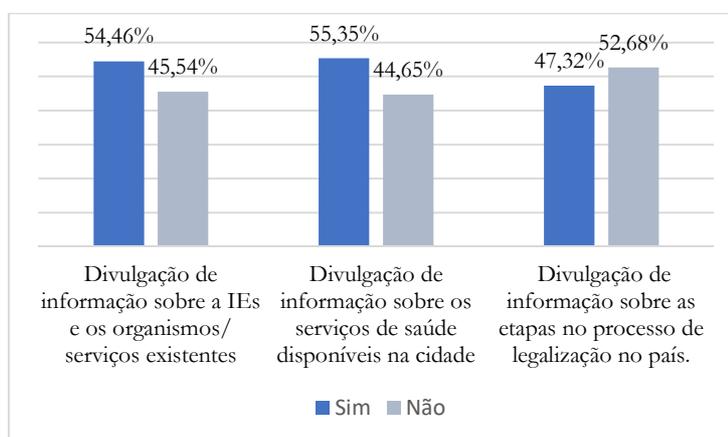


Figura 3 - Necessidades reportadas pelos estudantes.

Considerações finais

Da análise dos resultados obtidos neste estudo foi possível estabelecer uma aproximação ao perfil dos estudantes oriundos dos PALOP e descortinar necessidades sentidas pelos mesmos. Ambos os aspetos requerem uma reflexão mais aprofundada.

No âmbito do perfil identificado é de realçar que mais de metade dos estudantes que constitui a amostra auferem um rendimento mensal baixo, com possíveis implicações nos processos de aprendizagem e na satisfação de necessidades básicas, tornando assim explícita uma relação de extrema fragilidade, e, em particular, de entrega à sua sorte ou de luta pela sobrevivência. Embora existam alguns apoios pontuais, estes dados merecem uma reflexão atenta e permanente por parte das IEs no sentido de proporcionar respostas institucionais que colmatem ou atenuem as carências financeiras destes estudantes.

Além disso, outro aspeto a ser refletido é o da coabitação com pessoas da mesma nacionalidade, dado importante para o planeamento de estratégias de inclusão. De facto, apesar da rede institucional e da rede informal, sendo esta constituída por amigos ou colegas, é ainda indispensável investir na adaptação dos mesmos, nas dinâmicas da comunidade escolar e da cidade, para inibir eventuais formas de discriminação. Neste âmbito, ainda há um longo caminho a percorrer.

Relativamente às necessidades sentidas pelos estudantes dos PALOP, neste estudo ressalta, e de uma forma preocupante, a presença de um cuidado acrescido face aos estudantes que frequentam o ensino superior pela primeira vez. Para tal, e apesar das estruturas formais instituídas, seria conveniente potenciar outras formas de apoio como a criação de uma figura de mentor entre pares com um bom conhecimento das estruturas de apoio na instituição e das respostas locais, aspeto já apontado por Pereira (2005).

Considera-se igualmente necessária a criação de um gabinete de apoio de aconselhamento administrativo e procedimental, centrado no estudante e não apenas burocrático e, por último, a divulgação clara e explícita dos serviços institucionais, com os seus propósitos, horários e localização geográfica no *campus*.

Espera-se que os resultados e as reflexões deste estudo possam contribuir para que a comunidade académica e as IEs (re)pensem as respostas já disponibilizadas de forma a assegurar a conciliação dos seus desígnios não só no domínio da formação técnico-científica, mas também no atender às necessidades e na resposta às dificuldades de adaptação destes estudantes ao país de acolhimento e à instituição.

Apesar do potencial contributo deste estudo, importa ressaltar as limitações inerentes ao mesmo, nomeadamente, o tamanho da amostra e o facto de os dados recolhidos serem referentes apenas a uma IES portuguesa, não sendo, portanto, possível a generalização dos resultados obtidos.

Futuras investigações deverão recorrer a amostras mais representativas, que abranjam outros contextos de ensino superior, de forma a possibilitar uma visão mais abrangente das necessidades e dificuldades que ainda permanecem neste público-alvo. Considera-se igualmente essencial um estudo sistemático e periódico junto desta população para uma melhor aferição das respostas que as IEs devem contemplar nas diferentes fases do acolhimento dos estudantes provenientes dos PALOP. Noutros trabalhos a desenvolver também seria relevante contemplar um confronto de perspetivas, atendendo às perceções dos estudantes, dos profissionais das IEs já envolvidos nas estruturas de apoio e do próprio corpo docente. De facto, perceber se existe uma coerência e sintonia entre os interesses dos estudantes e as estratégias adotadas pelas IEs.

Referências

- Bergano, S., Novo, R., & Prada, A. *Estudantes PALOP no ensino superior: caminhos necessários do acesso ao sucesso académico [Students from Africa countries with Portuguese as official language (PALOP) in higher education: Required pathways from access to academic success]*. ESREA Access, Learning Careers and Identities Network Conference (ebook no prelo)
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (2006). The Bioecological Model of Human Development”. In R. M. Lerner (Eds.), *Theoretical Models of Human Development: Handbook of Child Psychology, Vol. 1, 6th ed* (pp. 793-828.). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Costa., H. (2009). *Economia informal dos estudantes PALOP em Coimbra*. Tese de Mestrado em Sociologia. Universidade de Coimbra.
- Doutor, C., Marques, J. & Ambrosio, S. (2018). A cor da pele no Ensino Superior: Experiências de racismo no quotidiano dos estudantes provenientes dos PALOP em Portugal. In A. Fragoso, S.T. Valdas, (Coord), *Estudantes não tradicionais no Ensino Superior* (pp. 167-186). Coimbra: CINEP/IPC.
- Doutor, C., Marques, J., & Ambrosio, S. (2016). Transição para Portugal: O caso dos estudantes provenientes dos PALOP no Ensino Superior. In J. Marques, M.H. Martins, M. H., C. Doutor & T. Goncalves, (Eds.), *Univers(al)idade. Estudantes “Não Tradicionais” no Ensino Superior: Transições, Obstáculos e Conquistas* (pp. 22-34). Faro: Universidade do Algarve.
- Duque, E. (2012). Representações e expetativas dos estudantes universitários dos PALOP. In APS (Org.), *Atas do VII Congresso Português de Sociologia: Sociedade, crise e reconfigurações* (pp.

- 1-14). Porto: Universidade do Porto.
- Ferro, M. (2010). *Teoria crítica e aconselhamento: para uma intervenção multicultural com os estudantes da cooperação na Universidade de Coimbra*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Universidade de Coimbra.
- Figueiredo, M. (2005). *Estudantes dos PALOP na Universidade de Évora: do Levantamento das Dificuldades e Necessidades à Procura de Soluções*. Tese de Mestrado em Sociologia. Universidade de Évora.
- Jardim, B. (2013). *Estudantes PALOP no Ensino Superior Português – das Necessidades Sentidas aos Apoios Prestados*. Tese de Mestrado em Política Social. Universidade Técnica de Lisboa.
- Novo, R., Prada, A., & Bergano, S. (2018). Perceção de empatia etnocultural: implicações para formação no ensino superior. In C. Araújo, C. Teixeira, C. Falcão, L. Santos, P. Fernandes, & V. Gonçalves (Eds). *Livro de Atas do I Encontro Internacional de Língua Portuguesa e Relações Lusófonas/ LUSOCONF2018* (pp. 128-137). Bragança: Escola Superior de Educação de Bragança.
- Novo, R., Prada, A., & Bergano, S. (2019). Empatia etnocultural em estudantes do ensino superior [Ethnocultural empathy in higher education students]. In M. Peralbo, A. Risso, A. Barca, B. Duarte, L. Almeida, & J.C. Brenlla (Eds). *Atas do XV Congreso Internacional Gallego-Portugués de Psicopedagogía/II Congreso de la Asociación Científica Internacional de Psicopedagogía* (pp. 2629-2640). Corunha: Asociación Científica Internacional de Psicopedagogía.
- Novo, R., & Prada, A. (2019). *Discursos quotidianos: para além da linha...* In VII Fórum do Mestrado de Educação Social Discursos no quotidiano – Educação social e etnicidade: que ética para a vida humana? Comunicação oral apresentada no VII Fórum do Mestrado em Educação Social- Educação e Intervenção, 30 de maio, Escola Superior de Educação, Bragança. Portugal.
- Oliveira, M. (2013). *Integração de estudantes dos PALOP e Timor-Leste na Universidade de Aveiro*, Tese de Mestrado em Administração e Gestão Pública. Universidade de Aveiro.
- Pacheco, N. (1996). *Tempos de “Sozinhos” em Pasargada: Estratégias identitárias de estudantes dos PALOP em Portugal*. Tese de Doutoramento em Ciências da Educação. Universidade do Porto.
- Pereira, A. S. (2005). *Para obter sucesso na vida académica. Apoio dos estudantes pares*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Pires, H. (2000). Estudantes dos PALOP no ensino superior português: do acesso à progressão, *Psicologia*, 14 (2), 149-157.

- Rocha, E. (2012). *Avaliação dos processos de integração dos estudantes provenientes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa no ISCTE*. Tese de Mestrado em Ciências da Educação. Universidade de Lisboa.
- Samutelela, H. (1996). Análise do insucesso escolar dos estudantes dos PALOP na Universidade de Coimbra numa perspectiva transcultural. *Revista Africana*, 16, 91-163.
- Tomás-Miquel, J., Expósito-Langa, M. & Nicolau-Juliá, D. (2016). The influence of relationship networks on academic performance in higher education: a comparative study between students of a creative and a non-creative discipline. *Higher Education*, 71, 307–322. <https://doi.org/10.1007/s10734-015-9904-8>
- Vinagre, V. (2017). *Ser Estudante dos PALOP na Universidade do Algarve: uma abordagem a partir de histórias de vida*. Tese de Mestrado em Educação Social. Universidade do Algarve.
- Wallace, S., & Gravells, J. (2007). *Lifelong learning sector: Mentoring*. London: Sage Publications.